

O contexto geográfico da fundação de *Bracara Augusta* Francisco Sande Lemos

1

Introdução

Embora já exista numerosa bibliografia sobre *Bracara Augusta*, ainda não foi divulgado, com o necessário desenvolvimento, o contexto geográfico do local escolhido para a fundação da cidade.

Talvez, por este motivo é frequente registarem-se erros em textos científicos. Por exemplo Alain Tranoy (1981, 193) situa a urbe na bacia do Cávado o que, como veremos de seguida não é, de todo, exacto.

Torna-se, pois, necessário, desfazer equívocos e estabelecer de forma clara a situação geográfica (nas suas diferentes vertentes), de *Bracara Augusta* no âmbito do Noroeste Peninsular.

Entendemos por contexto geográfico um conjunto diversificado de elementos, que se interligam num determinado espaço e num dado tempo.

2

O espaço geomorfológico

Bracara Augusta foi edificada numa colina de pendor suave e de sub-estrato granítico, com uma altitude de 182 metros¹ no seu ponto mais elevado, o local designado Alto da Cidade.

A colina é soalheira, mas, no Outono, Inverno e, mesmo, na Primavera os ventos dominantes são de sudoeste, o que resulta num elevado índice de pluviosidade média anual. Contudo, o clima é ameno, com invernos suaves, embora chuvosos, e estios agradáveis, com temperaturas menos elevadas que a média do território português. De acordo com o *Atlas do Ambiente*, Braga fica na curva de 1600 mm de precipitação média anual. Insere-se na área do Norte de Portugal com mais de 100 dias no ano com precipitação (média de 1931-1960) (*Atlas do Ambiente*). É uma zona ainda de clima mediterrânico mas com forte influência oceânica. Deste modo o sobreiro (*Quercus Suber*)² (árvore de transição ecológica) e o azevinho (*Ilex Aquifolium*)³ (de características mais atlânticas e integrado nos bosques de folha caduca de *Quercus Robur*) são espécies abundantes que constituem o coberto vegetal climácico, nos montes ainda não afectados por urbanizações ou florestas de exóticas de eucaliptos e pinheiro (*Pinus Pinaster*).

O sub-estrato geológico é formado por granitos profiróides de grão médio a grosseiro. Regista-se, todavia, a sudeste uma mancha de xistos, material que não deixou de ser aproveitado em *Bracara Augusta*, na edificação do pano interno da muralha do Baixo-Império.

Bracara ficava no centro de um espaço geo-morfológico bem definido: a área que, actualmente, corresponde ao Noroeste de Portugal, a região designada como Minho, ou Entre Douro e Minho.

A oeste o limite desse espaço era o Oceano Atlântico. A distância da urbe em relação ao mar (em linha recta) é relativamente curta: cerca de vinte e cinco quilómetros⁴. Ou seja cinco horas de marcha a pé. No máximo, um dia de caminho em passo descansado. Com a cidade de *Bracara* articulavam-se três portos marítimos: *Cale*, na foz do rio Douro, provável sede de *civitas* (a cerca de 50 km), e dois possíveis *vici*, nas desembocaduras

dos rios Ave e Cávado. Um desses *vici* situava-se no ponto onde hoje está a cidade de Vila do Conde (Alarcão 1988, 18); o outro foi recentemente descoberto, quando se abriu uma nova ponte em Esposende, junto ao sítio designado Barca do Lago⁵. Aliás, tanto o Ave como o Cávado eram navegáveis até poucos quilómetros de *Bracara*, embora por barcos de menor calado. Ao longo do rio Cávado até Areias de Vilar, a 11 km de Braga. Ao longo do rio Ave até Caldas das Taipas, a 9 km da cidade. Deve sublinhar-se que a navegação atlântica, ao longo da fachada ocidental da península, era uma das mais importantes rotas do Império Romano, pois ligava, directamente, Roma às suas províncias do golfo da Biscaia e do Mar do Norte.

A sul o limite do território de *Bracara* era o rio Douro, que na antiguidade foi a fronteira entre a *Lusitania* e a *Galllaecia* e que drena uma vasta área do norte da península.

A leste uma cadeia de montanhas, formada pelas serras do Gerês, Cabreira, Barroso, Alvão e Marão. A distância entre *Bracara* e esta corda montanhosa na sua distância mais curta, a Serra da Cabreira, era de 33 km.

O limite norte é definido pelo rio Minho. Para norte deste rio o litoral muda de fisionomia, passando à conhecida paisagem das rias galegas.

Entre o limite norte (o rio Minho) e *Bracara* conta-se uma distância de 59 km. A sul, o rio Douro ficava a 56 km (distâncias em linha recta).

Bracara estava, pois, quase equidistante dos dois rios. Aliás, também são muito próximos os valores em relação ao mar (25 km) e às montanhas interiores (33 km).

Ainda, no que se refere à rede hidrográfica, convém sublinhar que a cidade romana, não ficava na bacia do Cávado, como se lê em livros que fazem autoridade. De facto, foi implantada, precisamente, no limite entre pequenos cursos de água que pertencem à bacia do rio Este, tributário do Ave, e de outros que correm em sentido oposto para norte, em direcção ao Cávado. As águas pluviais das ruas dos bairros meridionais de *Bracara Augusta* escoavam para a bacia do Ave, enquanto a dos bairros setentrionais seguiam para o rio Cávado⁶.

3 O espaço geo-estratégico

Bracara Augusta foi fundada no cruzamento de duas grandes vias peninsulares da antiguidade, que se supõe serem anteriores à expansão do Império Romano: a rota atlântica, que corria ao longo do litoral e a rota do ouro, que se dirigia da Meseta Norte para a região dos grandes povoados da Idade do Ferro, entre os quais se destacavam os castros que integravam os *Bracari* (Citânia de Briteiros; Castro de Sabroso; Castro das Eiras; Citânia de São Julião, Castro do Barbudo ou Monte do Castelo, Castro de Caldas, Castro do Monte Redondo; Castro Máximo e Castro da Falperra), para apenas citar alguns dos mais destacados ou conhecidos. Na época romana, ainda sob o império de Augusto, as referidas vias foram devidamente pavimentadas, dotadas com obras de arte, sinalizadas com miliários e inseridas no *Cursus Publicus*. A rota viária atlântica fixou-se na estrada de *Olisipo a Bracara*⁷ e desta a *Lucus Augusti*⁸. A rota do ouro fixou-se na via entre *Bracara* e *Asturica*⁹.

Para a via entre *Olisipo* e *Bracara* já dispomos de um trabalho de fôlego, a tese de doutoramento de Vasco Gil Mantas (1996). O estudo da via entre *Asturica* e *Bracara*, por *Aquae Flaviae*, ainda não está completo. Conhece-se o percurso entre Astorga e o rio Manzanas, ou Maçãs, graças ao trabalho de E. Loewinshon (1965), que permanece válido apesar da data. O traçado da via desde o Maçãs (actualmente fronteira entre Portugal e Espanha), até *Aquae Flaviae* (Chaves), também já foi estudado com pormenor (Lemos 1993, I-b, 276-327). Falta definir com precisão o caminho entre *Aquae Flaviae* e *Bracara*.

Por outro lado, é de assinalar que a urbe romana ficava no extremo norte de um vasto corredor litoral, sem grande obstáculos de circulação, salvo o rio Douro, precisamente antes de um território cruzado por sucessivos rios dispostos transversalmente e com significativo caudal permanente (Cávado, Lima, Minho), a par de um relevo bastante acidentado.

Não menos significativa é a circunstância da cidade ter sido estabelecida no âmago do território dos *Bracari*, sem dúvida o mais poderoso povo da região, e cujos chefes, ou *principes* se deslocaram para a nova urbe,

conforme está amplamente demonstrado pela epigrafia funerária (Tranoy e Leroux 1989-1990, 187-230) e votiva.

4

O espaço político-administrativo

Sabe-se que *Bracara* foi sede de *conventus juridicus*.

Todavia, ainda não está, definitivamente, estabelecida a data em que foram criados os três conventos jurídicos em que estava dividido o Noroeste. Para alguns terá sido logo no tempo do imperador Augusto (tese sustentada por M. D. Dopicos Caínzos com base num testemunho epigráfico). Para outros, somente, na dinastia dos Flávios (tese tradicional mantida por vários autores que consideram que a tabula de Astorga é falsa).

Neste artigo o mais importante é salientar que os limites do *conventus bracaraugustanus* ultrapassavam o espaço geomorfológico delineado no ponto 2, a norte e a leste.

Na verdade, de acordo com as fontes clássicas, com os testemunhos epigráficos e com as propostas de arqueólogos e historiadores o limite norte do convento ia além do rio Minho, incluindo a ria de Vigo e os cursos de água que nela convergem.

De um modo geral, os estudiosos apontam ou o limite entre a ria de Vigo e a de Pontevedra (Tranoy 1981, 160) ou a própria ria de Vigo e o rio Lérez (Rodríguez Colmenero 1995, fig. 2). Para o interior a confluência dos rios Minho e Sil, bem como as serras de Caurel, Queixo e Secundera.

Para leste, o domínio de *Bracara Augusta* ia muito para além do cordão montanhoso que se estende da serra do Gerês à do Marão. Abrangia, também, a unidade geomorfológica que, actualmente, corresponde a Trás-os-Montes Ocidental e mesmo parte de Trás-os-Montes Oriental, embora não fosse tão longe como pretende a bibliografia especializada, uma vez que o território de *Asturica* ultrapassava a ocidente o rio Sabor. O mais recente estudo sobre a linha de fronteira entre os conventos de *Bracara* e *Asturica* data de 1993 (Lemos 1993). Sobre o limite leste do *conventus de Bracara* há, um aspecto a sublinhar: repetidamente a bibliografia de língua espanhola situa o limite leste no curso do rio Sabor, induzida em erro pelo

mapa de Kiepert, datado do século XIX e publicado no CL II, em complemento à obra de Emílio Hübner¹⁰. Ora este erro já foi corrigido por Alan Tranoy em 1981, que traçou a fronteira oriental do *convento bracaraugustanus* pelas cumeadas da serra da Nogueira e de Bornes, terminando no planalto de Anciães. Francisco Sande Lemos precisou o traçado proposto por Alain Tranoy. O que é inaceitável é a bibliografia de língua castelhana persistir¹¹, na década de 90, num erro já dissecado num trabalho tão difundido como a obra de Alain Tranoy, confundindo assim um aspecto tão importante como é o tema dos limites conventuais.

5

Espaço económico

Bracara situava-se no âmago de uma região fértil, com abundante pluviosidade, como já sublinhámos. De acordo com o censo elaborado pelo poder romano era uma área populosa¹² e que proporcionou efectivos para os corpos auxiliares do Exército (Le Roux 1982, 84-124).

O litoral garantia o abastecimento de pescado e de sal¹³. Efectivamente, ao longo da costa tem sido descobertas numerosas vestígios de salinas, associadas a materiais romanos, algumas muito erodidas, como na orla a norte do rio Lima (Lemos 1982, 29); outras preservam-se escondidas sob cordões dunares como na faixa entre o Neiva e o Cávado, por exemplo, sendo descobertas por oscilações das falésias de areia ou devido a obras, como as salinas da foz do Neiva (Almeida 1998, 25-26) e as de Lontreiras (Almeida 1998, 32-33)¹⁴.

Extensas áreas de solos profundos, ao longo dos vales do Ave, do Cávado, do Lima e do Minho, asseguravam os produtos cerealíferos.

Junto de *Bracara* os solos eram particularmente férteis, tanto a sul e a leste nas margens do rio Este e na veiga de Lomar, como a oeste e norte, nos campos de suave pendente que se estendiam até à margem do rio Cávado. Em círculos sucessivos dispunham-se *villae*, unidades agrícolas relacionadas directamente com a cidade.

As mais próximas ficariam a cerca de quinhentos metros dos limites da urbe, como indicam: a *villa* situada no limite oeste da actual urbanização das Parretas, infelizmente destruída sem qualquer estudo prévio; a *villa*

localizada próxima do solar das Ínfias; a da S. Frutoso, na área onde no século VI foi erguido o túmulo do conhecido bispo; ou, ainda, a situada em S. Vitor.

Um segundo círculo de *villae* dispunha-se a mais de um quilómetro. Entre estas contam-se a de S. Martinho de Dume, que tem vindo a ser estudada por Luís Fontes, bem como outro local citado na bibliografia, Santarão, adjacente à Senhora do Lírio, em Semelhe (Fontes 1994, 76) ¹⁵.

As montanhas envolventes garantiam vastos recursos pecuários e silvo-pastoris ¹⁶.

O granito, abundante, foi amplamente aproveitado na construção da cidade de *Bracara* e na sedes das *civitates* dela dependentes, bem como nos numerosos *vici* e *villae* que se distribuíam pelo *conventus*.

Um recurso valioso, intensamente explorado, foram as jazidas auríferas, destacando-se os núcleos da serra do Valongo, do Barroso e da serra da Padrela ¹⁷. Embora não existam monografias exaustivas de cada um destes distritos mineiros, sabe-se que os seus filões possuíam um rico teor de ouro.

Estes núcleos mineiros não seriam as únicas frentes de exploração aurífera existentes no território sob o domínio de *Bracara*. Existem numerosas pequenas jazidas que ainda ¹⁸ não foram objecto de um inventário sistemático e de estudos desenvolvidos como os que foram efectuados na área de Astorga. Devido a esta lacuna a carta de distribuição da riqueza mineira do Noroeste está por completar.

A par da jazidas auríferas não seriam menos importantes as de estanho concentradas na área do rio Coura.

O comércio de longa distância está bem documentado pelo material recolhido nas escavações sistemáticas que se realizam desde 1976. Tanto para o tráfego marítimo, pela ocorrência de numerosos fragmentos de *terra sigillata* clara e de cerâmica foceana (Delgado 1988, 35-49), provenientes do Norte de África e do Mar Egeu, como a rota continental comprovada pela abundância de *terra sigillata* hispânica alto-imperial e tardia, oriundas do vale do Ebro.

6

Espaço cultural

Ainda que os elementos arqueológicos não sejam tantos como desejaríamos, uma vez que a dinâmica da Arqueologia Urbana segue caminhos muitos próprios, já não subsistem dúvidas que *Bracara* foi projectada como uma urbe de modelo clássico (Martins e Delgado 1998-1990, 11-38). O seu traçado hipodâmico está claramente estabelecido e é coevo da sua fundação. Deste modo, ainda que o estudo das sedes de *civitates* a norte do Douro esteja num estado embrionário deve admitir-se que o modelo da grande urbe do Noroeste foi copiado pelos aglomerados secundários, pelo menos parcialmente.

A epigrafia demonstra que a cidade foi ponto convergência das elites indígenas regionais e de atracção de imigrantes provenientes de diversas áreas da península.

Também o estudo das ânforas de uma das *insulae* de *Bracara* (Morais 1998, 71) revelou a importação de vinhos e azeite oriundos de zonas longínquas do império (Gália, Itália, Mar Egeu e Anatólia), pelo que devemos admitir a ideia de uma cidade cosmopolita, com forte influência cultural no seu espaço envolvente.

7

Considerações finais

Este texto é um brevíssimo ensaio de análise do contexto espacial de *Bracara Augusta*, que não esgota todas as possibilidades, longe disso.

Esperemos que os projectos em curso, a outros escalas, designadamente o estudo do urbanismo da cidade¹⁹ e o estudo do seu território como sede de *civitas*²⁰ possam contribuir, a breve trecho, para rever e aprofundar os breves apontamentos registados neste texto.

Entretanto, de acordo com os dados já disponíveis podemos formular a hipótese do local da fundação de *Bracara Augusta* ter sido cuidadosamente ponderado pelo poder imperial, em função de um amplo conjunto de

factores. Ainda que o domínio romano, no Noroeste da Península, apenas tivesse sido estabelecido de forma definitiva no tempo do imperador Augusto, não há motivos para duvidar que os novos senhores conheçam bem a região, devido aos contactos comerciais e às sucessivas incursões militares que precederam as campanhas daquele imperador, incursões das quais se conhecem pelo menos quatro: as de *Decimus Iunus Brutus* (138-136 a.C.), de *P. Licinius Crassus* (96 a.C.), de *M. Perpena* (74 a.C.) e de *Iulius Caesar* (61 a.C.)²¹.

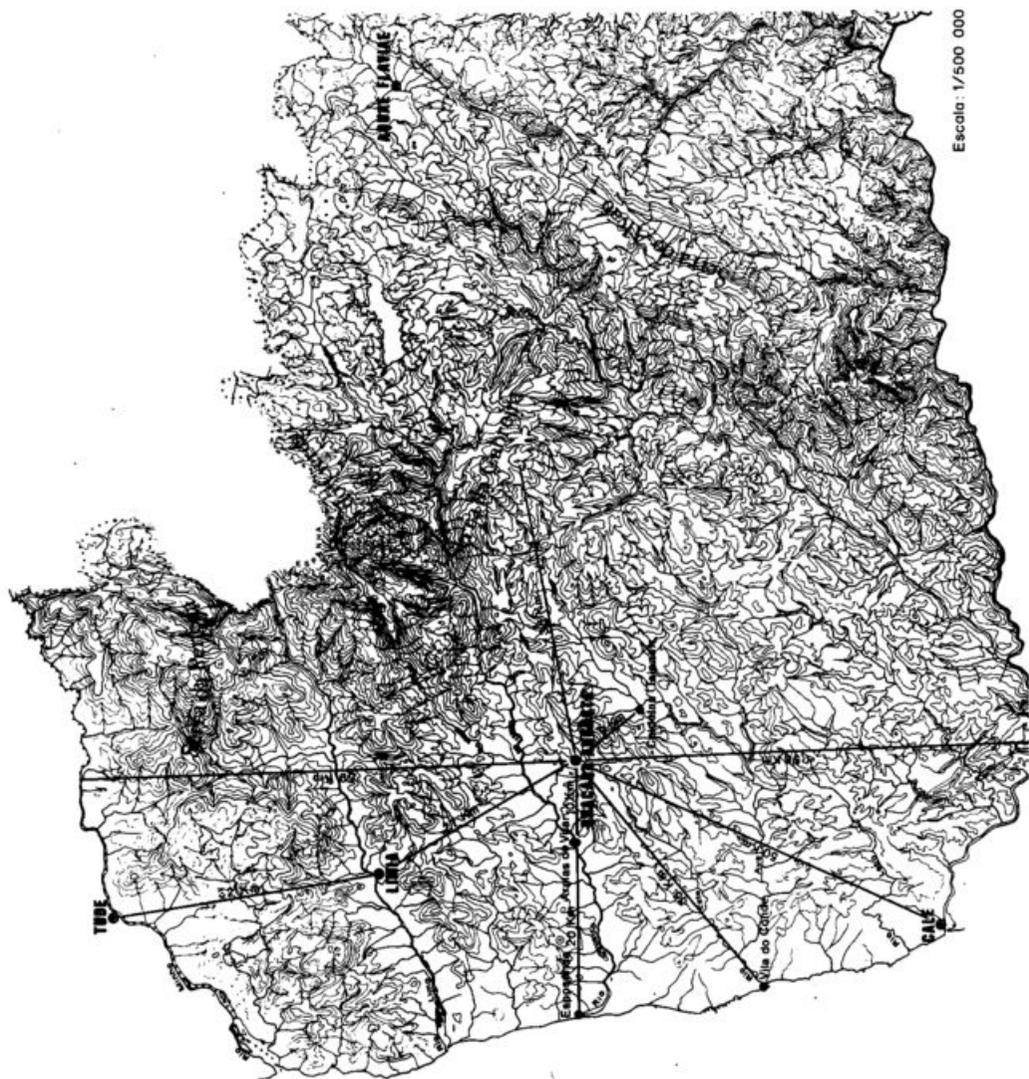
Se, por um lado a fundação da nova urbe se inseriu num projecto mais vasto de organização territorial, a divisão do Noroeste Peninsular em três conventos (de *Bracara*, *Lucus* e *Asturica*), não é menos certo que o local de *Bracara Augusta* parece ter sido escolhido de acordo com o quadro geomorfológico e com objectivos geo-estratégicos perfeitamente claros.

Numa leitura geo-estratégica, *Bracara* destaca-se como capital da faixa sul do Noroeste Peninsular, encostada ao oceano, mas com extenso domínio para o interior montanhoso ao qual estava ligada por um conjunto viário bem estruturado.

Numa leitura geométrica o *conventus bracaraugustanus* assemelha-se a um rectângulo em cuja extremidade ocidental, junto ao oceano, ficava a cidade romana.

Na história registam-se numerosos casos de cidades cuja existência foi efémera.

Não seria o caso de *Bracara Augusta* que, ao longo de mais de mil e duzentos anos, foi um dos mais importantes centros políticos e culturais do Noroeste Peninsular.



Escala: 1/500 000

Bracara Augusta, no contexto de Entre Douro e Minho.

Notas

- ¹ Valor registado na Carta 1:25.000 de Portugal, do Instituto Geográfico Militar, folha n.º 70.
- ² Sobre a ecologia desta árvore e sua distribuição na Península Ibérica ver Oleg Polunin e Martin Walters (1989, pp. 102-103).
- ³ Sobre a ecologia desta espécie e sua distribuição na Península Ibérica ver Oleg Polunin e Martin Walters (1989, pp. 44-48).
- ⁴ Este valor, bem como os restantes, foram lidos na carta 1:250.000 de Portugal, do Instituto Geográfico Militar, folha n.º 1.
- ⁵ Escavações recentes dirigidas por Carlos Alberto Brochado de Almeida, em 1998 e noticiadas na comunicação social.
- ⁶ Assim, por exemplo, as águas drenadas pela imponente cloaca romana descoberta no ex-Albergue Distrital (escavações orientadas por Francisco Sande Lemos e José Manuel Freitas Leite) e num logradouro da rua Afonso Henriques (sondagens de Armandino Cunha), o qual terminava junto do Arco da Porta Nova, ou seja na zona do Campo das Hortas, onde as linhas de água correm para o Cávado.
- ⁷ A chamada via XVI do Itinerário de Antonino.
- ⁸ A chamada via XIX do Itinerário de Antonino. Na dinastia dos Flávios foi construída uma segunda via, mais a norte, a *Via Nova*, ou Geira.
- ⁹ A chamada via XVII do Itinerário de Antonino.
- ¹⁰ O erro decorre da circunstância de Kiepert ter colocado Castro de Avelãs na margem esquerda do rio Sabor, quando na verdade está na margem direita, a sudoeste da cidade de Bragança.
- ¹¹ Por exemplo, todas as figuras de âmbito global publicadas na obra sobre *Lucus Augusti*, em 1995.
- ¹² De acordo com Plínio o *Conventus Bracarum* seria o mais habitado: 24 povos e 285.000 indivíduos livres (*Conventus Asturum*: 22 povos e 240.000 h; *Conventus Lucensis*: 15 povos e 166.000 h.).
- ¹³ Sem dúvida produtos relacionadas com as *villae* existentes ao longo da costa, como por exemplo a de Caxinas, escavada em 1980 pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho numa operação de salvamento empreendida a pedido da Câmara Municipal de Vila de Conde.
- ¹⁴ Estamos de acordo com Carlos Alberto Brochado de Almeida em que alguns elementos de salinas poderiam ser anteriores à romanização, ou seja relacionados com uma produção de sal controlado pelos povoados castrejos do litoral. Todavia, nada obsta à continuidade das salinas na época romana e lembramos que são mencionadas em documentos do *Liber Fidei*.

¹⁵ Tanto em S. Martinho de Dume, como no Monte de Cones, foram recolhidas importantes monumentos votivos directamente relacionados com *Bracara Augusta*, o que indica um primeiro momento de interesse, no período tardo romano, pelos monumentos clássicos reunidos por personagens ilustres cujos nomes desconhecemos, fenómeno que se repetiu no Renascimento.

¹⁶ Um estudo detalhado da organização territorial romana em zona de montanha está a ser elaborado por Luís Fontes, no âmbito da sua tese de doutoramento que incide sobre a área de Lindoso, uma freguesia dos contrafortes setentrionais da Serra Amarela, ou seja no âmbito do espaço do *conventus* de *Bracara Augusta*.

¹⁷ Este distrito mineiro da Serra da Padrela tem sido o mais bem estudado graças à equipa de Jürgen Whal, que já publicou diversos artigos em alemão com os resultados dos seus trabalhos; em português elaborou relatórios muito pormenorizados aos quais tivemos acesso por gentileza daquele arqueólogo.

¹⁸ Está em curso um projecto de estudo da origem da matéria prima utilizada nas construções de *Bracara Augusta*.

¹⁹ Projecto de dissertação de mestrado em Arqueologia, em curso, da responsabilidade de Assunção Neves.

²⁰ Tema da dissertação de doutoramento que está a ser elaborada pela Dra. Helena Paula Carvalho.

²¹ Para uma descrição destas sucessivas incursões pode consultar-se Alain Tranoy (1981, 126-132).

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge (1988) – *Roman Portugal*, 2, Aris & Philips, Warminster.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1998) – O Povoamento Romano do Litoral Minhoto, entre o Cávado e o Lima, *Boletim Cultural de Esposende*, n.º 20, Esposende.
- DELGADO, Manuela (1988) – Contribuição para o estudo das cerâmicas romanas tardias do Médio Oriente encontradas em Portugal, *Cadernos de Arqueologia*, 2.ª série, 5, Braga, pp. 35-49.
- DOPICOS CAÍNZOS, Maria Dolores (1986) – Los conventus iuridici. Orígen, Cronologia y naturaleza histórica, *Gerión*, 4, pp. 265-283.
- FONTES, Luís (1990) – Carta Arqueológica do Concelho de Braga, *Forum*, 8, Braga, pp. 107-132.
- FONTES, Luís (1994) – Inventário de Sítios e achados arqueológicos do concelho de Braga, *Mínia*, 3.ª série, 1, Braga, pp. 31-88.
- LE ROUX, Patrick (1982) – *L'Armée Romaine et l'organisation des provinces Ibériques d'Auguste a L'Invasion de 409*, Diffusion de Boccard, Paris.
- LEMOS, Francisco Sande (1982) – O sítio arqueológico de Gelfa. Notícia Preliminar, *Cadernos de Arqueologia*, 1.ª Série, pp. 21-48.
- LEMOS, Francisco Sande (1993) – *O Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental* (tese de doutoramento; policopiada), 5 vol., Universidade do Minho, Braga.
- LOEWINSON, E. (1965) – Una calzada e dos acampamentos romanos del Conventus Asturum, *Archivo Español de Arqueologia*, 28, pp. 26-49.
- MANTAS, Vasco Gil (1996) – *A Rede Viária Romana da Faixa Atlântica entre Lisboa e Braga* (tese de doutoramento; policopiada), 2 vol., Universidade de Coimbra, Coimbra.
- MARTINS, Manuela; DELGADO, Manuela (1989-1990) – História e Arqueologia de uma cidade em devir, *Cadernos de Arqueologia*, 2.ª Série, 6-7, Braga, pp. 11-38.
- MORAIS, Rui M. L. S. (1998) – *As ânforas da zona das Carvalheiras* (tese de mestrado policopiada), Universidade do Minho, Braga.
- POLUNIN, Oleg; WALTERS, Martins (1989) – *Guía de la Vegetación de Europa*, Omega, Barcelona.

- RODRIGUEZ COLMENERO, A (1995) – Lugo, capital romana del extremo extremo noroeste peninsular. Génesis de una ciudad, in *Lucus Augusti. Urbs Romana. Los Orígenes de la ciudad de Lugo*, Lugo, pp. 11-39.
- TRANOY, Alain (1981) – *La Galice Romaine*, Diffusion de Bocard, Paris.
- TRANOY, Alain; LE ROUX, Patrick (1989-1990) – Les Nécropoles de Bracara Augusta. B. Les Inscriptions Funéraires, *Cadernos de Arqueologia*, 2.^a Série, 6-7, Braga, pp. 187-230.